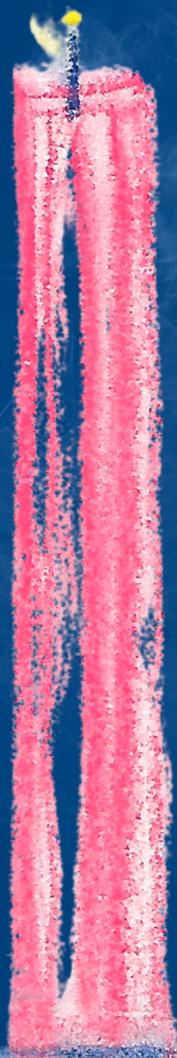
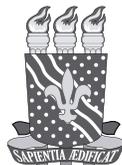


UM
MAPEAMENTO
DA

FI
NI
TU
DE



UM MAPEAMENTO DA FINITUDE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Everton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



Luiz Carlos Santos Júnior

UM MAPEAMENTO DA FINITUDE

EDITORA UFPB
João Pessoa
2023

1ª Edição – 2023

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 02/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico · **Editora UFPB**
Editoração eletrônica · **Josué Santiago**
Capa e ilustrações · **Luiza Maria Medeiros de Lima**
Revisão de texto · **Flaviano Maciel Vieira**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

S237u Santos Júnior, Luiz Carlos.
Um mapeamento da finitude.
[recurso eletrônico] / Luiz Carlos Santos Júnior. - Dados eletrônicos -
João Pessoa : Editora UFPB, 2023.

E-book.

Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN 978-65-5942-236-4

1. Poesia. 2. Sentimentos. 3. Felicidade. I. Santos Júnior, Luiz Carlos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I – Prédio da Editora Universitária, s/n

João Pessoa – PB CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

*“Estou convencido das minhas próprias
limitações – e esta convicção é minha força”.*

Mahatma Gandhi

PREFÁCIO

Penso que Caju deve entender com que intensidade luminosa li as poesias do seu livro. E quão grande é o sentido que faz para mim que ele seja um profundo mergulho na aura de sua intimidade com a palavra, um misturar-se a ela sem pestanejar. De fato, esse livro soa como um passeio nas entranhas mais finas do nosso imenso vernáculo. E dentro desse agora, fruto de um caminho onde a erosão das suas rimas vem sendo definida com naturalidade, só nos resta apreciar a brilhante poesia de *Um Mapeamento da Finitude*, com afeto e inspiração.

Artur Soares
Cantautor brasileiro

APRESENTAÇÃO

Um mapeamento da finitude é uma obra que aborda, sob diversos enfoques, as limitações humanas, escancarando a nossa pequenez dentro do contexto de universo. Assim, o texto trata, dentre outras coisas, de fraquezas associadas à morbidade, traição, mal humor, paranoia, vazio, conveniência, egoísmo, dependência de vícios e paixões e outros maus sentimentos.

Apesar dessa leitura, não se deixe enganar, a obra também apresenta, de forma sutil, aprendizados, superações e prazeres... E que no fim das contas, cada experiência pode ser importante e pode nos ajudar no processo de amadurecimento e de entendimento da vida, a depender de como se reage a cada situação experimentada, presenciada, imaginada.

Por fim, relato que vi, vivi e imaginei ações e reações múltiplas, insumos essenciais na construção de nosso próprio caminho e destino, em busca de equilíbrio e felicidade.

O autor

SUMÁRIO

INTERIOR	11
De meu leito.....	12
Feridas.....	13
Sensato.....	14
Azul meio que roxo.....	15
De chateação.....	16
Conspiração.....	17
Tua companhia.....	18
Impostura.....	19
Equilíbrio de mercado.....	20
Suspeita.....	21
Sem título.....	22
Funeral.....	23
Pra que minha vida siga adiante.....	24
Inanição.....	25
Minha única certeza.....	26
Sacada.....	27
Desjejum.....	28
Memórias de um Brás.....	29
Relato de um romântico pragmático.....	30
Berço esplêndido.....	31
Teus olhos.....	32
Sonoridade.....	33
Trechos de um soneto.....	34

Verdades e outras verdades	35
Função de sobrevivência.....	36
Não foi em vão	37

PARA ELA 38

Estranha comédia	39
Pequena colombina	40
Eu e o vinho	41
Um suspiro.....	42
Vem que a sede de te amar me faz melhor	43
Por um triz.....	44
Por um bis (Por um triz II)	45
Mais uma sobre saudade.....	46
Escute agora a canção que fiz	47
Inocência	48
Silêncio.....	49
Faísca	50
Vadiagem	51

LASCIVO 52

Frenesi.....	53
Aroma.....	54
Tato.....	55
Escarlate.....	56
Jogos amorosos	57
A gente queima tudo.....	58

EXTERIOR	59
Sertanejo contemporâneo	60
Flerte.....	61
Retórica.....	62
Suscetível	63
Dessorriso de Cheshire.....	64
Contrações d'um artigo indefinido.....	65
Encontre-me em Montauk.....	66
Ele e ela	67
Primavera	68
Salve o meu carnaval	69
Paraty.....	70
Flores no Seridó	73
Boteco	74
Rumo a	75
Caos.....	76
Confabulação cadavérica	77
Vivo (como nunca)	78
Reino de Granada.....	79
O vacilo do vassalo	80
Mudando de assunto.....	81



INTERIOR

De meu leito

Palavras que não surgem,
Ar que não entra em meu peito.
Encanto que se foi com seu encanto,
Um tanto ofuscante.

Compensações que emergem,
Satisfações quando me deito.
De meu leito, pranto –
Reino aconchegante.

Já não quero que prejudquem,
Analisem o meu feito.
Jeito corpo santo,
Aterrorizante, sem preceito.

Feridas

Sei que à flor da pele
a sensação sob as costelas
não é das melhores.
Quero de volta
a **força** dos músculos,
a *frieza* da alma,
o GRITO na garganta.
Quero **coragem**, solidez
na boca do estômago,
sem ânsia, sem dor,
sem fluxo de sentimentos ruins.
Que tudo cicatrize.

Sensato

Luzia, de louco nada.
Só lucidez,
Por lapso,
Talvez(.)
Prisioneiro.

Azul meio que roxo

Quero Aracaju,
Quero coisas boas, umbu,
Quem zomba do vencedor
E prestigia o azul azedo
(aquele azul meio que roxo
que mancha o rosto
e ofusca a luz do abajur)
De um pouso sossegado,
E uma acaju vermelhidão,
Mal-humorado.

De chateação

Passageiro carinho,
De cara estranha,
Para dentro.

Parece que adentro
Por outro caminho,
Tamanha façanha,
Talento marinho.

Conspiração

O socorro está vindo
e você está rindo
por não estar aqui
Agradeço a consideração
de avisar-me que zombas
de minha desgraça
Mas o custo de sua ação custa caro,
não tens mais o meu reparo,
minha atenção
Pensar é melhor, suma,
me deixe na mão

A saber,
minha mente conspira contra você,
que não tem salvação e é melhor se esconder

Tua companhia

Tu me mandavas, mas nem sempre ias
ao encontro de nossas vidas,
ao fim dos nossos dias.

Tu me dizias, mas não consideravas
Alternâncias de humores,
desamores,
e de arredores,
pormenores.

O que me restava era a fartura, enquanto não rias,
da melancolia de tua companhia
(e da companhia de tua melancolia!).

Impostura

Finjo que não existes:
Não te ligo,
Não te desejo,
Sequer me lembro de ti.

Contudo teimas e
Apareces em sonhos meus,
Escorre a lágrima.

Afinal, por que me enganas enquanto durmo,
E não te ludibrio enquanto acordado?

Equilíbrio de mercado

D-e-s-a-p-a-i-x-o-n-e-i-m-e
pelo mesmo motivo que me fizera apaixonar.

Suspeita

Não confio no que diz, em seus atos.
O seu cabelo não nega, mulata,
Seus olhos dizem outra coisa.

Sem título

Hoje tudo me dá azia.
Trancado em meu quarto,
ainda estou aqui, farto,
de tanto ficar só
e tentando desatar o nó
de minha velhice;
de minha mesmice;
de meu esquecimento;
de minha solidão.

Funeral

Em meio ao cemitério de vivências
Declaro morta mais uma parte da minha vida.

Em meio ao cemitério de convivências
Declaro morta mais uma parte da minha existência.

Pra que minha vida siga adiante

Choro um choro infinito,
Amor que nunca findará;
Sou gente grande – d’alguma vivência –,
Careço tentar e tentar,
Outra
Lágrima.

Inanição

Vazio.

A inspiração se foi

Com a chegada de sua neutralidade.

Quero opinião, parcialidade,

Inquietude, mansidão.

Uma mansidão sem mentiras

(ou poucas delas).

Sem hipocrisia (ou quase isso).

Cheia.

Minha única certeza

Para que tanta franqueza?
Não sou tão forte assim.
Contudo, facilitarei, Tereza.
Como você, outrossim,
Serei minha própria fortaleza.

Sacada

Meus olhos ardem de tanto descanso.

A mansidão da sacada
revela a secura das águas –
particular melancolia fluvial –,
o remanso, a ex-balada, o astral.
A luz do sol me deixa assim;
A da lua também.

Desjejum

Não penso na volta,
no **g o l e** de rum.
A dormência
por vezes me enoja,
já não fujo da luta:
um a um, após o saciar –
zum zum –, suprimo a vanglória,
bebum, de meu canto.

Memórias de um Brás

*“Celebro sua participação em minha vida, meu passado. Faço-o não com o intuito de revivê-lo, pois celebro também o meu futuro. Faço-o em nome de novas experiências no mínimo tão felizes quanto àquelas, de outrora. Experiências menos egoístas, com o **Amor que transcende a carne**. Sem subversão, apresento-lhe a **Amizade**”.*

Relato de um romântico pragmático

Amar é verbo ultrapassado – ingênuo. Não se encontra de modo apaixonado, daquele, do passado, amor até morrer. Amor além da morte, por sorte, é coisa de TV. Viva o amor pragmático! Quero me dedicar a você!

Berço esplêndido

Hoje acordei querendo provar
não a práxis da madura teoria,
não a ideologia caduca do pragmatismo.
Acordei querendo persuadir
os mais eloquentes debatedores,
silenciar ainda mais os mortos
e cantar para quem interpreta, compõe.
Hoje eu acordei feliz.

Teus olhos

(...)

mas chame do que quiser, meu gatilho:
inteligência, alimento, espiritualidade,
senso de humor, imaginação,
pontilho – transcendência.

um brinde a tua melhor versão:
teu jeito na minha presença.

Sonoridade

Grande parte do que ouço falar remete a ti:
o rock, tua agressividade;
um pop, teu carisma;
cada reggae, teu sossego.
A vida real – sonoridade –
é meu musical – personalidades.

Trechos de um soneto

De início, pronta sintonia, alquimia
de perto e ao longe, quantas conversas!
Verso que o carinho transcorria,
viria a calhar e até hoje não cessa!

(...)

Saudade que dá, que se sente –
longitude, aperto cômico no coração –
de repente, não mais que de repente.

Verdades e outras verdades

A cada gole, pensamentos
diversos
possibilidades
questões
caminhos
alternativas
verdades
e inverdades.

Para além de mim,
o mundo mais ou menos eu,
mais Romeu,
menos Caim.

Função de sobrevivência

O calendário transcorre, a idade também,
E tudo nos ensina: cada distância,
Cada dor, cada não, cada metade.

Não foi em vão

Os óculos de sol não escondem as dores de cabeça, algo
se deteriora.

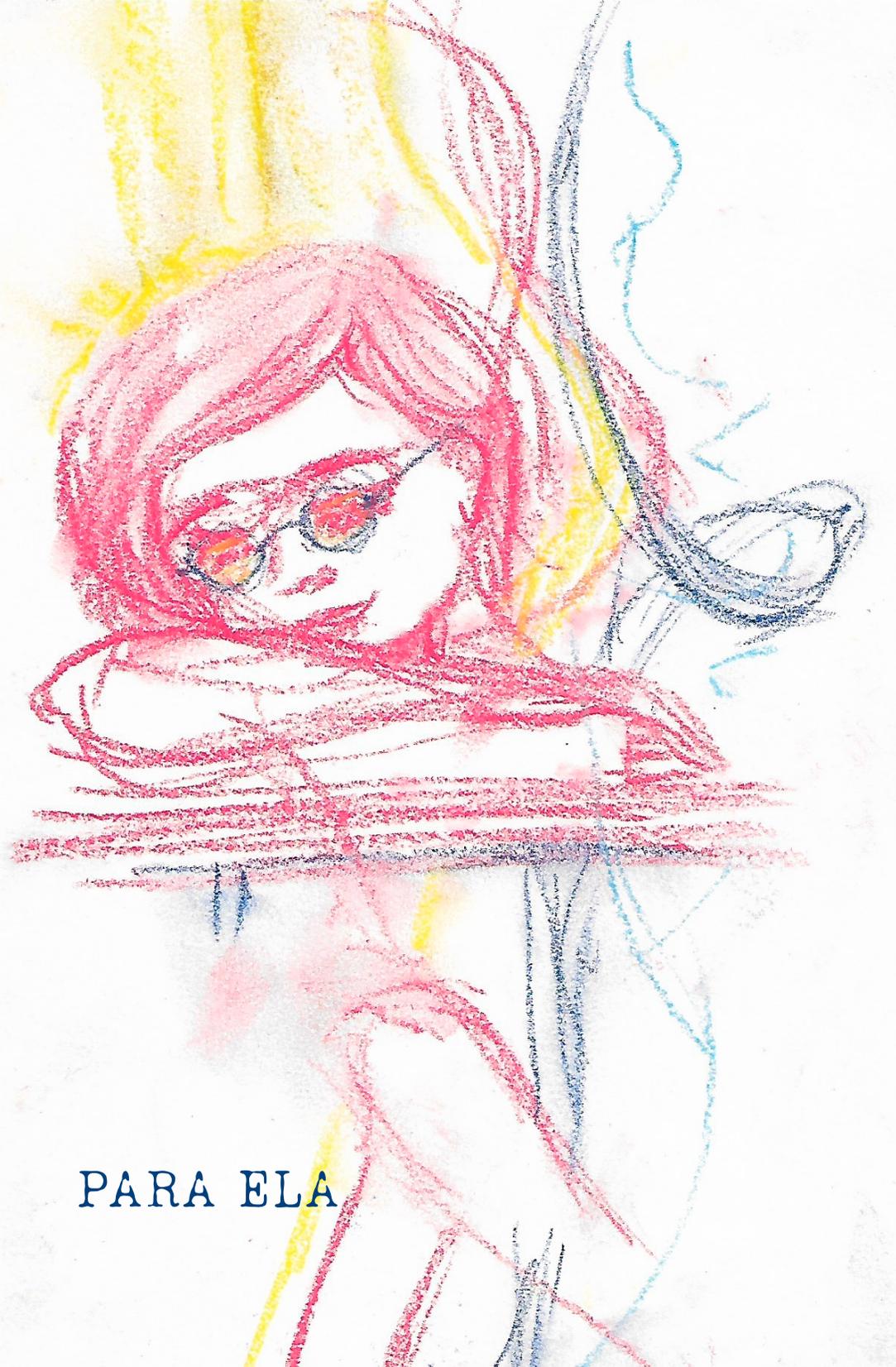
Carne vermelha repartida em espetos, sobre grelha e
carvão,

que cava o descanso da lucidez: viuvez da alma,
solidão do espírito. Dizem que de nada

valeu a degustação, mas,

que nada, tudo

valeu.



PARA ELA

Estranha comédia

Liberta-me com auxílios
Da tela, da bela promiscuidade.
Os calendários da tua personalidade –
E pouca idade
E óculos excêntricos –
Revelam-me que nas profundezas
De superficialidades
Podemos encontrar uma estranha comédia:
Pássaro perneta, sem asas,
Rindo de sua própria tragédia.
E sem remorsos por isso.

Pequena colombina

Que carnaval, que nada.
Música e festa sem a amada
Não é festa, nem música.

Aquela singela face
Pôde me entristecer
De maneira lúdica,
Entre confetes e serpentinas.

E agora é tanto amor que tanto faz,
Sou seu Arlequim e Pierrot.
E choro e brindo a sua alegria:
A festa é verde, vermelha e fria.

Eu e o vinho

Desde pequeninho
Espero por ti, pequena.
Que pena que,
Do porto o vinho,
De forma amena,
Fizeste-me beber sozinho.

Um suspiro

Saudades,
Cumprimentos mentais
A minha senhora que, em plena aurora,
Cisma em manter, sem esforço,
Minha afeição.

Saudades,
Suspiros intelectuais
A minha amada que, na alvorada,
Faz-me ter mágoas, sem custos,
Por sua privação.

Saudades,
Lembrança grata
De sua ausência,
A qualquer hora do dia,
Subterfúgio de minha solidão.

Vem que a sede de te amar me faz melhor

Difícil engolir que você se foi,
Mesmo a contra gosto,
Jurando que vai voltar.
Aqui é seu refúgio.

Sabe que cá estou,
Esperando seu retorno,
Planejando tudo.
Aqui é seu refúgio.

Por um triz

Um beijo em câmera lenta,
Transportado pelo vento (quando venta).

Beijo de olhar sereno,
Fulminante de alegria.

O canto da iara, de tristeza,
Imaginação, Fantasia.

Por um bis (Por um triz II)

Quero calma, quero beijo manso,
bocas que se examinam pacientemente;
línguas que se encaixam sem esforço,
lábios endentados como um só.

Quero beijo macio, abstrato, seu beijo!
Emblemático, do tipo de amor que sinto por ti,
beijo que só é triste quando não se concretiza,
quando utopia.

Mais uma sobre saudade

Saudade... úmida, salgada.

Conversora de forças
(em pensamentos) que
buscam a sequência
do movimento (de ida),
a volta aos seus braços.

Função Maré, amor contínuo.

Escute agora a canção que fiz

Jeito apaixonado, apaixonante,
Mediante diversas personalidades
Na infância, adolescência e adultância.
Entre lápis, tinta e fluxogramas,
Nota-se uma independência dependente,
Envolta por desatenção rara,
Pantomimas e bons gemidos.

Serenidade sem fim, praticamente desenhada,
Veia artística e hereditária – a alegria da mãe.
Tens uma grandeza que me faz falta
E uma gargalhada tão gostosa
Que nos faz rir ao tentar cair, sempre.

Inocência

Às margens do rio,
Trago-lhe bagagens –
Pequenas bobagens e
Declaração sutil:
Eu te amo!

Silêncio

Em meio a tantas tolices
nossos silêncios caminham lado a lado,
de mãos dadas.
Dizem a mesma coisa,
querem a mesma coisa.

Em meio a tantas tolices
nosso silêncio fica sem jeito,
sem privação
para cessar.
Mas diz e quer a mesma coisa.
Carícias...

Faísca

Faísca,
que surge espontaneamente,
obra-prima da natureza;
da criada por nós, interventores
sentimentais.

Faísca,
que aquece, ardente,
inspira e causa tristeza.
E é isso que se sente, expectativas
racionais.

Faísca,
de atrito, resultante,
não se deixa pensar com clareza;
que esclarece e confunde,
ademais.

Vadiagem

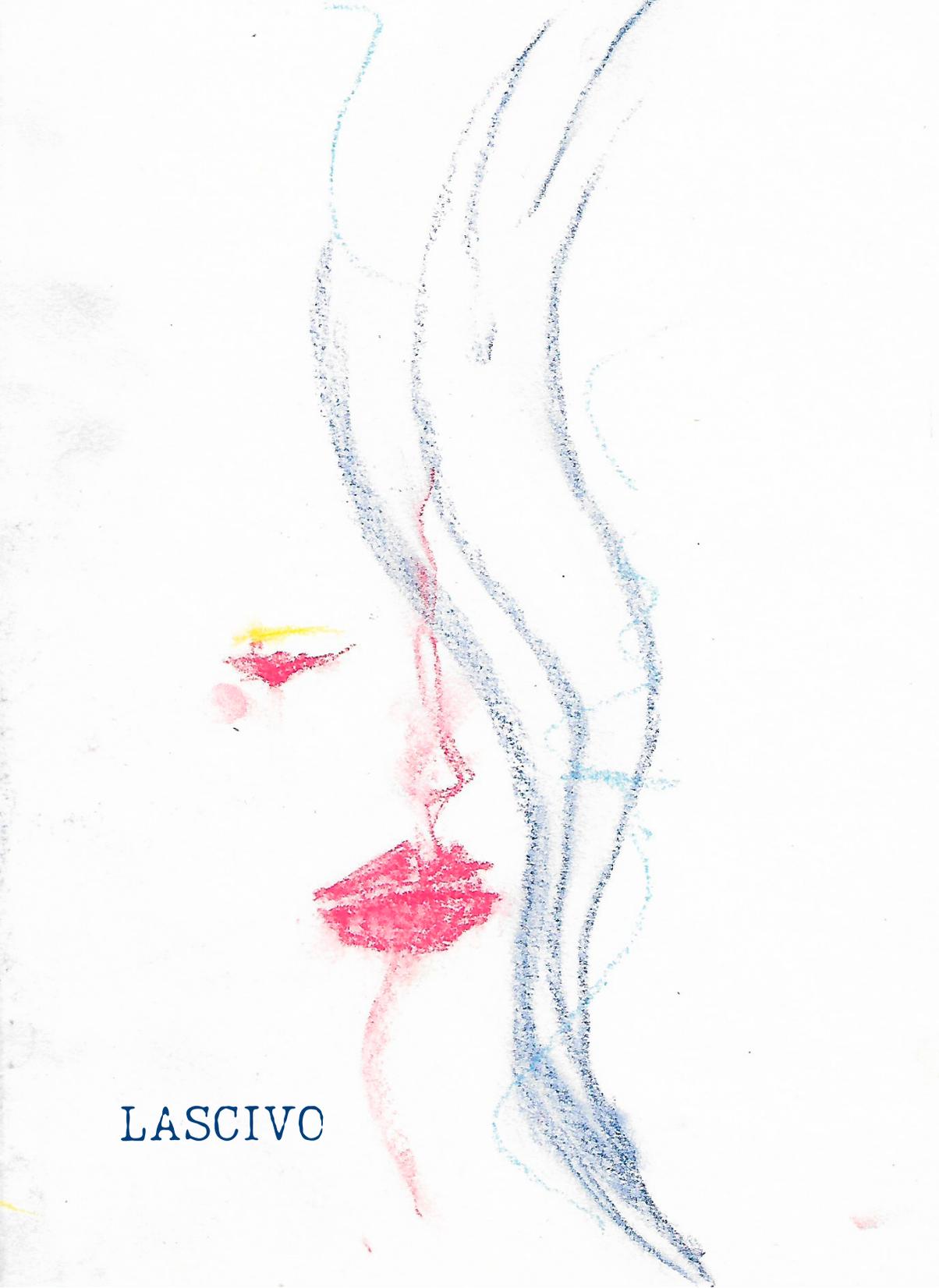
Veja bem, veja.

Sensação *déjà vu*,
Aquele mal acordado,
Aquele preguiça que se almeja.

Olha-se para os pés,
Para o teto, não se enseja
E cerram-se os olhos.

Tenta-se dormir mais uma vez,
Vira-se para o lado, para o outro,
Que assim seja.

Depois de um último gole de cerveja,
Beija eu (me beija).



LASCIVO

Frenesi

Da beleza feminina,
Angústia que dá
De tanto desejo contido,
Da monotonicidade.

Já nem sei se há parcimônia,
Pois defronte a vós, mulheres,
De tanto desejo contido,
O que vivencio é puro frenesi.

Por conseguinte,
O lado pensante
Se delicia na observação;
O lado bicho, por sua vez,
Aflora, afauna, vegeta:
Natura.

Aroma

Perfume.

Embriaguez exclusiva

D'uma multidão contida em mim.

Embebeda-me com teu cheiro,

Por inteiro,

De modo reativo, imoral,

Só(,) afim.

Cume.

Tato

Fato

O coração pulsa mais forte, nato,
E todos os líquidos do corpo fluem diferentes,

Corre sangue pelas veias!
Vigor, arrebatado a solidão

Haja saliva!
Corpos, paixão, fim de celibato

E tome suor!
E o recato segue seu rumo longe daqui

O odor que exala reflete a tal química,
Que distancia e aproxima, que faz a vontade e educa, que mima e
enrijece

Agora pacato, encaro, sensato, fato gerador
Bon appétit, bom tato

Escarlate

Uma gostosura de verdes, de rosas.
Desenho-te completamente pelas beiras e
Imponho um chiado de coisa antiga, mangueira,
Com coisas redondas e tudo que tenho direito.

Escolho um **vermelho** bem paixão (e que **vermelho**!)
Pra que em frente ao espelho torne-me um insano,
A pessoa mais cruel do mundo.
Um alguém com a maldade dos melhores dos amantes,
Que não como antes,
Esquece-se o que é o amor.

Jogos amorosos

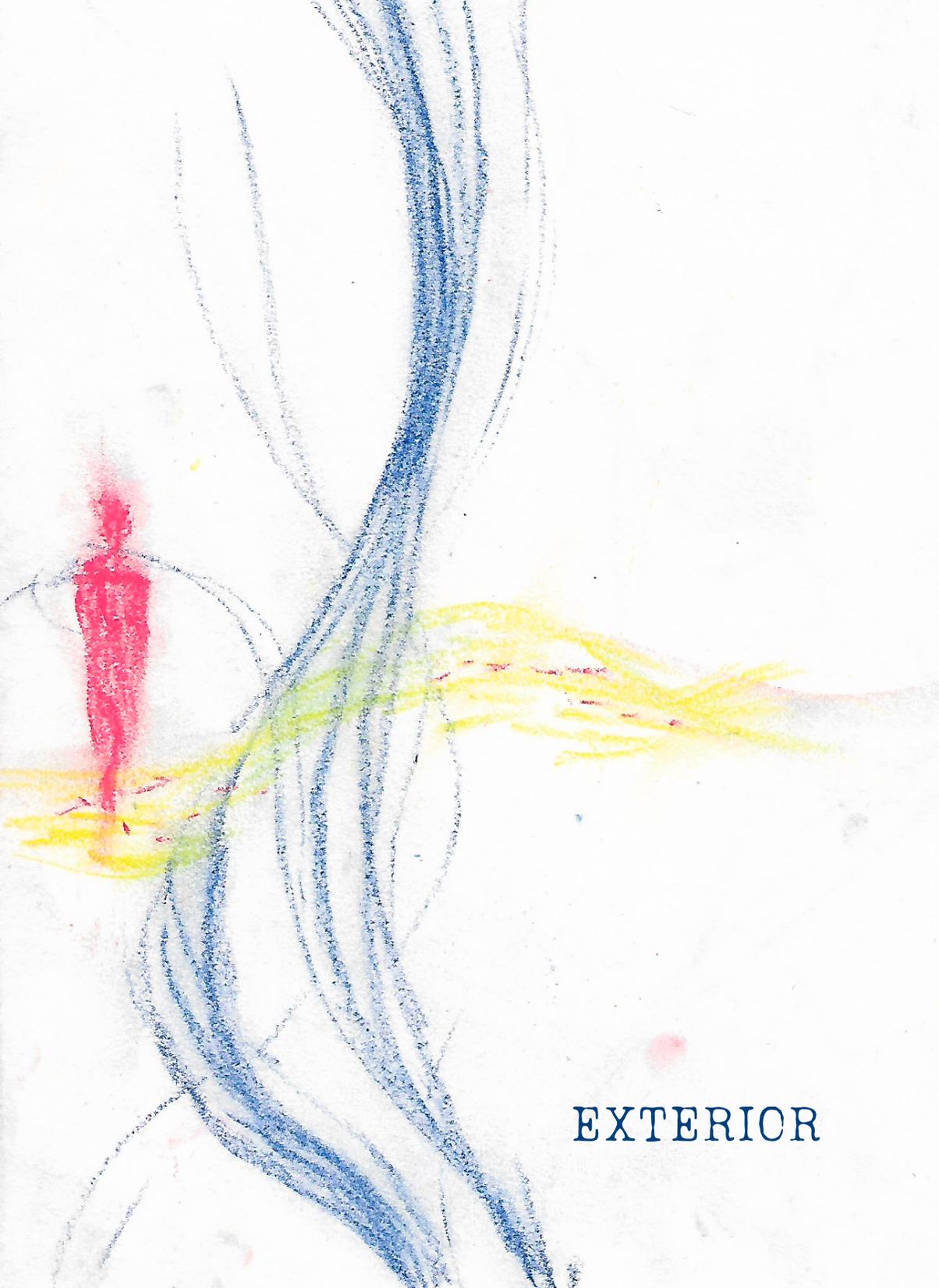
Vida que palpita.

Entrecerram-se visões,
olho a olho, dente por dente;
intui-se um mar de pecados, ambos velejam;
a tramela mela tudo, percorre todas as retas e curvas;
a tromba a persegue,
como quem quer pôr tudo num frasco;
alerta-se ao sussurro, alívio perturbador.

Vida que vive.

A gente queima tudo

Somos o que somos,
Dizemos o que o corpo quer,
O que a alma permite escapar.
O cigarro apaga
E a gente queima tudo
Nas habitações de cada instituto,
Sobrevivente, nu.
Degusta-se o vinho,
Digere-se a castanha de caju.



EXTERIOR

Sertanejo contemporâneo

De paletó no siridó,
Nesse calor da muléstia
E frieza na minha vista:
É tudo que me réstia.
Mas aí de aimeidia
Peço licença e chuto o báldi,
Me disarrumo da doutoria,
Dessa fingida fraude.

Vô tangê meu gado.

Flerte

Ela passa e se entorta o pescoço –
Consegue-se centrar olhares de cio.
Retorna-se à face, o endosso –
Encarada, flerte irracional, viril.

Feito ritual de acasalamento,
Com hipocrisia, jogo hostil.

O simples torna-se batalha consigo,
Paciência por um fio.
Agentes estranhos e comuns:
Criança madura, adulto infantil.

Retórica

Oralidade que convence;

Oralidade que transborda.

E língua de bala, bica:

De lábios lacrimosos

Oca, boca, balela.

Suscetível

É corpo, que age, sua, cansa, descansa, estica, contrai;
alonga, aquece, reclama, desobedece;
afrouxa.

Dessorriso de Cheshire

Quanta mín-
gua, lua minguan-
te, quanta mágoa.

Mire a lua crescen-
te e se encha enquanto no-
va, desta vez, como nunca.

Nem balsâmica, nem gibosa, tão fi-
na quanto a unha que arranha a minha nuca.

Contrações d'um artigo indefinido

D'uma avidez por detrás dos panos,
Rum'a direção sem norte:
Corrida por sapiência na natureza selvagem,
Mais uma.

C'uma bela pareia de braços,
Numa charmosa melancolia:
Suma pelo avesso em pleno espaço sideral,
Mais lumna.

Mas na Terra, em meio à natureza do asfalto,
Sais sedosa como uma pluma
E entranhas como o cheiro de quem fuma.

Encontre-me em Montauk

Mesmo ciente da não existência
de sempiterna relação –
que seja eterno enquanto dure –
Há proliferada expectativa
Do aspecto unha e carne, arroz com feijão.

No entanto, o homem,
Ser não dicotômico – subjetivação –
Por vezes prefere se esquecer de boas coisas
Para não se lembrar das ruins. Eu não!
Prefiro o lampejo de um intelecto desmemoriado.

Ele e ela

Ele quer ser seu, bela dele,
mas a mazela da proibidade o proíbe.
Sente a falta das arranhadelas, arrepiantes, nas costelas.

Aperreado daquele jeito,
iria ao fim do mundo, novela-drama,
porque ele anseia pelo amor que pulsa, paixão que sela.

Pensando nela, e em mais nada,
vive de bagatela, sequela de sua ausência,
viela de subúrbio. Sem sua donzela, vaga pelas beiradas, lapela,

até cair no fundo do poço, sepulcro de vela apagada.

Primavera

Outubro rosa
como pão e rosas,
como sobre rosas
e tantas outras prosas e poesias.

Outubro que alimenta o corpo e a alma,
essência de nosso sustento.

Neste mês, que o objetivo,
em parceria com o subjetivo,
nos cause regozijo
no doce novembro.

Salve o meu carnaval

Amparo e me deparo
com a tua fé, no fim da fileira,
ao pé da ladeira da Sé.
Misericórdia mamulengo,
tenha dó dos bonecos de Olinda
e do Homem-da-Meia-Noite,
que sorriem todo tempo
pela felicidade do carnaval.
Sem pausa para a tristeza,
folclore do Maracatu Rural
pelos Quatro Cantos do mundo,
onde sequer descanso, sigo o ritual.
Aceito meu carma de Papangu;
encontro-te no Carmo, angu meu.

Paraty

I

Logo de cara, o vento frio,
uniformidade cinza no firmamento;
marés inundam corredores históricos de
Paraty.

Contrastam, pois, com os coloridos balões
que saíram apenas da imaginação,
mas não possuem contexto,
nunca voaram.

II

Uma a uma, lado a lado,
cálices rubras e amarelas,
bem abertas, murcham
e assumem coloração vermelho-vinho,
feito balões chineses
que brotam no jardim da pousada
em que repousam
os viajantes.

III

Montanhas irlandesas
(de verdes tão lindos)
temperadas por fumaças de névoas,
que ocultam as escadas que nos levam ao paraíso,
cume por dentre as nuvens,
de sobreposições diferentes:
na frente, nimbos;
por cima, neblina.

IV

Senzala – habitação, povoação
e residência de casas antigas
em ruas de pedra, batentes altos
e portas
e janelas de madeira.
Provocam mau jeito nos pés,
curados com facilidade
pelo samba das baías (olê lê, olá lá).

V

E tome rechaça
e cachaça para afogar
as mágoas
e comemorar
os doces da vida:
caçarola, quebra-queixo,
pra tudo na vida tem um jeito.
Amiúde, alude,
viva a brasilidade!

VI

Um ar de colônia,
de escravidão, preto,
de alusão ao imenso Portugal,
de batuques, corredores,
de capoeira, embolada,
de emboscadas e de revoltas
desenhadas em mapas
e guias para turista ver.

Flores no Seridó

Do português rochoso, quadrado,
do italiano gótico, pontiagudo,
e do improviso nômade, cigano,
ouço e sigo o tempero
do narrador das flores, por inteiro.
Algo sobre um povo resguardado,
de mente parruda:
a Santa Menina,
arruda da esposa do tenente –
o beco das almas, batina –,
da segunda guerra, combatente.

Boteco

Distante de seu começo,
um novo convite,
roupagem retrô, vintage rolê,
art nouveau, arte gourmet e
boemia desfigurada,
reconfiguradamente elitista.
Esperneio e agora (?)
procuro um boteco qualquer.

Rumo a

Diz-me ser ágio,
Serasa, calote;
Plágio de dívida,
Misturas das mais híbridas,
Do tipo “tudo por dinheiro”.
Galopem! em suas apostas...
Mas que requinte, mal uf uf uf!

Caos

A paisagem não é contemplada,
é preciso destruir
ponto a ponto,
método por método,
questão por questão.

Confabulação cadavérica

Sem choro e vela
em catacumba, só rumba, Noel.
Boi meu bumbá, bumba nessa
oração de capela, terreiro de macumba,
onde o malungo acocha, Noriel,
e mata saudades da saudosa Bahia.
Por fim, não te contorças, Álvares,
Mas entre o súbito mal e a tumba,
hei de enxergar alegria em sua poesia.

Vivo (como nunca)

Compreendo

Os paraquedistas

Os navegadores navegantes

Os mochileiros

E outros (todos os) aventureiros mais

A pressão desperta, o risco reaviva

Mas de cá, a precaução é diva,

O receio aperta.

Reino de Granada

Touro, pra tanger como eu faria,
A la mouro.

Couro, antiga dinastia,
Vindouro.

Ouro, sinal que pressagia(,)
Mal agouro.

O vacilo do vassalo

Entre a cruz e a espada,
E os costumes hereges feudais,
Sempre que a dada submissão
Não sacia a sede do suserano,
A sociedade sente-se ainda mais
Com o pescoço na guilhotina.
O vassalo serve à religiosidade da usura.

Outras negações
Põem à vista a redenção dos pecadores
E o pecado dos puros,
Que erram não por serem submissos,
Mas por aceitarem a dominação.
O vassalo serve à religiosidade da usura.

Mudando de assunto

Apesar das diversas demandas,
Intoleradas intromissões,
Inaceitação de conselhos,
Descondescendência de debates,
Desconsideração de desabafos,
E desuportes gerais,
O fim é o mesmo: a narrativa se reveste de anacoluto.

 Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em
2023.



9 786559 422364